

## CINEMATECA PORTUGUESA-MUSEU DO CINEMA

ABRIL 50 – PROGRAMAÇÃO ESPECIAL

26 de Abril de 2024

### AS DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO

EM TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA / 1977

*um filme da* CÉLULA DE CINEMA DO PCP

*Produção:* Célula de Cinema do PCP (Portugal, 1977) *Com:* Artur Semedo (o capitalista), Henrique Espírito Santo (Drácula von Barreto) *Cópia:* DCP, cor, 9 minutos *Primeira apresentação na Cinemateca da nova cópia digital.*

#### NOTAS

Durante largos anos e raras vezes, a cópia em que foi possível ver em projecção AS DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO EM TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA era numa cópia 16 mm de época que apresentava fragilidades decorrentes do uso mas sobretudo uma acentuada degradação cromática.

AS DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO EM TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA é apresentado com LE FANTÔME DE LA LIBERTÉ de Luis Buñuel (“folha” distribuída em separado).

---

Desta vez o *fantasma da liberdade* de Buñuel rima com o Drácula von Barreto interpretado pelo histórico cineclubista, produtor português, resistente anti-fascista Henrique Espírito Santo, cortesia da Reforma Agrária. É com imagens muito raras filmadas pela Célula de Cinema do Partido Comunista Português durante a primeira Festa do Avante que começa o alinhamento da sessão. O título já é todo um programa, AS DESVENTURAS DO DRÁCULA VON BARRETO NAS TERRAS DA REFORMA AGRÁRIA, que o filme cumpre revelando uma surpreendente dose de sentido de humor. Os nove minutos da curta-metragem ocupam-se a satirizar a política agrária de António Barreto, Ministro da Agricultura do I Governo Constitucional, entre 1976 e 78, e autor da Lei Barreto que pôs fim às ocupações da reforma agrária. Faz parte da História que o PCP se situava do outro lado da barricada, defendendo “a terra a quem a trabalha”. É a grande palavra de ordem deste filme, parte da encenação teatral que se regista, cruzada com imagens de manifestações de rua em defesa das nacionalizações e da reforma agrária, onde se lêem – e gritam – palavras de ordem reivindicativas, como “Barreto para a rua”.

Protagonizada por dois ilustres elementos da comunidade cinematográfica portuguesa, Henrique Espírito Santo e Artur Semedo, a pequena encenação de palco põe operários e camponeses em fuga à figura de um vampírico ogre, caracterizado a partir das figuras de Drácula e Nosferatu numa variação política. O Dráculo von Barreto surge de cartola e capa negra (onde o FMI é a primeira das identificações), e são os seus dentes que mordem o pescoço de uma bela camponesa para lhe sorver o sangue. Postas ao serviço da luta política, as referências cinematográficas funcionam ludicamente. Este é com grande probabilidade o filme do único drácula da História do cinema que reage à foice e ao martelo como o diabo à cruz.

Maria João Madeira